In: ISMÉRIO, Clarisse; PREVEDELLO, Carine (Orgs.). Nem tudo são rosas [recurso eletrônico]: refletindo os preconceitos, as lutas e conquistas femininas. São Paulo: Vecher, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.47585/nemtudosasorosas>>.

Revisitando os simbolismos e representações do feminino

*Clarisse Ismério*¹

doi.org/10.47585/nemtudosasorosas5

¹ Historiadora, Doutora em História de Brasil, Coordenadora Curso de História, Professora e Pesquisadora da Urcamp. <http://lattes.cnpq.br/4600253785089001>, e-mail: clarisseismerio@urcamp.edu.br

Introdução

Em 1993 iniciamos uma pesquisa sobre o achatamento cultural e profissional imposto às mulheres no Rio Grande do Sul Republicano², na qual observamos a construção e consolidação dos modelos de rainha do lar e anjo tutelar, que rotulou e cerceou potencialidades femininas, delegando um papel de coadjuvante em relação ao homem. Nesse processo, as relações de poder e submissão foram estabelecidas pela cultura patriarcal sob a perspectiva de modelos femininos presentes no imaginário social, tais como o de Eva, Maria, Lilith e da Papisa Joana.

No presente ensaio, revisitamos estes símbolos a partir das obras da artista plástica Marcela Meirelles, que se identificou como mulher e hoje vive na plenitude de seu gênero. A artista, natural de Bagé e formada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Santa Maria/RS, iniciou sua carreira artística em 2016, aos 41 anos. Desde então realizou exposições individuais em Bagé, Porto Alegre e Rio de Janeiro, e também participou de mais de 10 exposições coletivas. Atua também como roteirista do coletivo gaúcho Entrada de Emergência. Marcela é autodidata, recorre a temas sociais com ênfase na inflexão feminista, com traços característicos e técnicas variadas, e cria personagens e histórias sobre cada obra. Segundo ela:

A mulher em minha arte representa as curvas que formam estruturas resistentes...é a poesia descrita nas mais belas palavras...o carinho, a empatia, a resiliência e a força...o leveza em ser humano e mesmo assim saber lutar e conquistar o seu espaço...é difícil colocar em palavras tudo o que o feminino representa em minha vida, pois essa essência me é tão preciosa que foi conquistada após muito conhecimento de quem eu sou...(Depoimento enviado dia 23/03/2021).

A artista se revela nas múltiplas representações femininas criadas, vindo em cada uma delas expressar seus sentimentos, angústias e esperanças. E ao visitar as obras apresentadas na exposição virtual do instagram @marcimeirelles, somos levadas a refletir sobre os simbolismos que permeiam o imaginário social sobre o feminino.

² Pesquisa desenvolvida no Mestrado em História, no Programa de Pós-Graduação em História, da PUCRS, que foi transformada no livro *Mulher: a Moral e o Imaginário 1889-1930*, lançado em 1995 pela Edipucrs e relançado em 2018 pela Ediurcamp.

Representações do feminino

Na exposição virtual de Marcela Meirelles, o que quadro que primeiramente nos chama a atenção é o de Eva a Rainha do Paraíso, que traz uma mulher com “um olhar perdido por uma face desconfigurada... Uma “dama” meio cadáver, meio gente... a primeira pecadora responsável pelos males do mundo... Uma mulher, nossa primeira voz condenada por uma eternidade” (MEIRELES, 2020). A representação pictórica mostra Eva amordaçada, evidenciando que na sociedade patriarcal as mulheres foram silenciadas e tornadas submissas.

Figura 1 - Eva a Rainha do Paraíso, Marcela Meirelles, 2020

Fonte: Instagram (@marcimeirelles).

Sabemos que a submissão da mulher estava prescrita no Antigo Testamento, livro de Gênesis, no qual narra a criação de Eva, que foi feita de uma costela de Adão, retirada quando ele dormia. Foi considerada a primeira mulher, a primeira esposa e a mãe da humanidade. Porém, ela também representa o lado sentimental e irracional do ser humano, por ter sido seduzida pelo demônio em forma de serpente para persuadir Adão a comer o fruto da árvore proibida, por isso tornou-se a grande responsável pela expulsão do paraíso. A desobediência foi punida por Deus com pena de ter dores ao conceber e ser eternamente submissa ao homem: “Disse também à mulher: Multiplicarei os sofrimentos de teu parto; darás à luz com dor teus filhos; teus desejos te impeliram para o teu marido e tu estarás sob o seu domínio” (Ge 3, 16).

A passagem bíblica fundamentou muitos teólogos e filósofos, que ao longo do tempo, afirmaram que o homem deve sustentar e governar a casa, porque age de maneira racional, sem nunca se deixar levar por emoções. O campo de atuação masculino era o espaço público, enquanto o da mulher, por ser frágil, emotiva e muitas vezes irracional, era o espaço privado do lar, onde deveria ficar sob a tutela do homem.

Eva tornou-se o arquétipo primordial da leviandade fruto da imperfeição de sua formação que se justificava que “por ter sido ela criada a partir de uma costela recurva, ou seja, uma costela do peito, cuja curvatura é por assim dizer, contrária à retidão do homem. E como, em virtude dessa falha, a mulher é um animal imperfeito, sempre decepçiona e mente” (KRAMER & SPRENGER, 1991, p. 116)

E, como todas mulheres descendem de Eva, foram consideradas seres altamente nocivos ao homem e à sociedade, pois todas eram movidas pela emoção e instinto sexual, que as tornava servas do demônio e em nome dele praticavam a magia negra. Eram as tão temidas bruxas, que para pagar seus pecados e servir de exemplos às outras mulheres eram condenadas à fogueira. Essa mentalidade da Igreja foi registrada no *Malleus Maleficarum*, pelos misóginos Kramer e Sprenger (1991), que se transformou na Bíblia dos inquisidores, por

ensinar técnicas de como reconhecer a bruxa e obter a confissão.

Na série Sagrado Sintético³, nos chama a atenção uma carpideira em específico (Figura 2), cuja representação nos lembra a grande *mater dolorosa* Maria, cuja representação máxima é expressada na obra *Pietà* de Michelangelo.

Figura 2 - Carpideira, Série Sagrado Sintético, Marcela Meirelles, 2019

Fonte: Instagram (@marcimeirelles).

A Virgem Maria, mãe de Jesus Cristo, simboliza uma mulher sem mácula que se dispôs a obedecer aos desígnios de Deus, sem nunca os questionar. Maria, segundo os evangelhos, foi escolhida por Deus para ser a mãe de seu filho Jesus Cristo, devido às qualidades que possuía. E, após a concepção,

³ A série Sagrado Sintético foi inspirada no Sarau Noturno, um evento cultural de educação patrimonial que realizamos desde 2008 no Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé. E que tem como proposta a valorização da arte cemiterial. Marcela participou de uma das apresentações presenciais realizadas em 2019. Atualmente as apresentações são virtuais, via plataforma do YouTube. Para saber mais, acessar: <<https://www.youtube.com/channel/UC3j7erV6UWaV95Cy9BHZ5WA>> ou <<https://www.instagram.com/saraunoturno/>>.

permaneceu Virgem mantendo o seu caráter divino e sua história é descrita em quatro passagens dos evangelhos: em Jerusalém, onde encontra o filho entre doutores; em Canaã, quando obtém dele o primeiro milagre; durante a pregação de Jesus e por fim no Calvário ao pé da cruz, quando sua proteção foi confiada a São João. (BÍBLIA, 1980, p. 11 e 41)

A grande difusão do culto mariano ocorreu dos séculos XI ao XIII, que a tornou a grande senhora, “Única, sem exemplo, virgem e mãe Maria” (DALARUM, 1990, p. 4), vindo a redimir a mulher do pecado original. Era uma anti-Eva, cuja força da representação do modelo exerceu uma profunda influência no mundo medieval, que ia do ambiente particular para a esfera política. (LE GOFF, 2014, p. 391)

Com o passar dos anos o catolicismo mudou seu pensamento e preferiu ter na mulher uma aliada e não uma inimiga, e para tanto, a mulher deveria participar do culto e do sacramento do batismo cristão, para restaurar sua alma e “levantar a companheira do homem do abismo das trevas, do nada a que a materialista e bárbara antiguidade tinha atirado o anjo da família. [...] a regeneração da mulher foi o cristianismo que consumou”. (A ESTRELA DO SUL, 1864, p. 7)

A Igreja transformou a mulher numa guardiã da fé, desde que cumprisse as suas determinações quanto à conduta moral, baseada no modelo da Virgem Maria, simbolizando a pureza e devoção, em oposição a Eva.

Os atributos do símbolo de Maria contribuíram para a construção da Musa da Religião da

Humanidade Positivista, tanto na representação de trazer uma criança ao colo, como em seu significado: a mulher enquanto guardiã da moral era responsável pela concepção e educação das futuras gerações. E como destaca Auguste Comte esse modelo “figurada ou esculturada, nossa Deusa terá sempre por símbolo uma mulher de trinta anos, tendo seu filho nos braços. A preeminência do sexo afetivo caracterizará semelhante emblema, em que o sexo ativo deve colocar sob sua santa tutela”. (COMTE, 1988, p. 136)

Apesar de Comte criticar e muito se opor ao catolicismo, podemos afirmar nas questões referentes à moral, organização da família e modelo de conduta da mulher, sofreu grande influência da Igreja Católica, uma vez que esta era a maior divulgadora e mantenedora da mentalidade moralista e conservadora.

Assim, sua musa inspiradora, Clotilde de Vaux⁴ tornou-se a representação da mulher ideal, por que nunca a tocou, considerando-a pura, íntegra e com outras tantas qualidades que ele admirava, enquanto que Caroline Massin⁵, com quem realmente viveu, tornou-se a antítese da mulher perfeita. A primeira foi construída a partir do arquétipo de Maria, a Virgem e a segunda no de Eva, a Pecadora. E por meio do Catecismo Positivista, Comte⁶ ditou normas de conduta às mulheres, preconizando os modelos da rainha do lar e do anjo tutelar.

O tema das anjas guardiãs também está presente na série Sagrado Sintético (Figura 3), uma vez que são temas recorrentes nos túmulos dos cemitérios e trazem como atributos a caridade, consolação,

4 No dia 28 de agosto de 1845, Comte conheceu Clotilde de Vaux, na igreja de São Paulo, onde os dois seriam padrinhos do filho primogênito de Maximilien Marie, amigo de Comte e irmão de Clotilde. Comte logo se apaixonou por Clotilde. Clotilde estava com 30 anos e foi casada com Lepoquer de Vaux, que a abandonou muito cedo. Sendo tesoureiro, desviava dinheiro dos cofres públicos e de particulares e ao ser descoberto fugiu sem deixar vestígios. O filósofo revela sua paixão à amada, mas ela se mantém reservada, pois se achava mais digna de piedade do que de ternura. Apesar de decepcionado com a recusa de seu amor, Comte propôs uma relação fraternal. Quando Clotilde adoeceu, com problemas sérios nos brônquios e abdominais, Comte revelou que seu amor era casto e puro como ela desejava. Deu-lhe o amor divino espiritual. A enfermidade aumentou e ele, não podendo mais visita-la, escreveu-lhe diariamente, considerando-a sua filha. Em 5 de Abril de 1846, Clotilde faleceu. Numa tentativa de manter viva a imagem da mulher que tanto amou, Comte transformou-a em sua musa, criando a Religião da Humanidade. Nascia uma nova fase da doutrina positivista comteana (ISMÉRIO, 2018, p. 16-17).

5 Comte conheceu Caroline Massin, uma jovem dezenove anos, que se prostituía nas galerias de bois, no Palais Royal. Passaram a viver juntos, mas foi uma relação tumultuada, pois Caroline constantemente o abandonava. Comte aceitava esse tipo de relação por ter medo da solidão. Resolveu então casar-se com Caroline, apesar da reprovação dos seus pais. O Casamento também ocorreu devido ao incidente com a polícia. Caroline, Comte e alguns amigos foram abordados por um oficial que pretendia deter a mulher por 15 dias na prisão de São Lázaro, por ela não haver comparecido à inspeção sanitária rotineira para as prostitutas fichadas na polícia. Numa tentativa de evitar problemas e constrangimentos futuros, Comte casou-se com Caroline em fevereiro de 1825, e convidou para padrinhos dois agentes da polícia francesa, amigos do casal, que se encarregaram de eliminar o nome dela dos registros das prostitutas parisienses. Em 1844 Comte separou-se definitivamente de Caroline, sem se divorciar porque ele era contra o divórcio. E manteve o pagamento de pensão que vigorou o mesmo nos períodos em que se encontrava em dificuldades financeiras (ISMÉRIO, 2018, p. 16).

6 A vida emocionalmente atribulada de Comte serviu de base para edificar a idealização da mulher no Positivismo. Na construção de seus modelos de conduta buscou arquétipos herdados de uma cultura que preconizava a mulher dedicada ao marido, aos filhos e a casa. Foi também fortemente influenciado pelo pensamento clássico pelos ditames da Revolução Francesa e por Jean Jacques Rousseau.

anunciação e o juízo final. Os anjos eram figuras comuns nas sepulturas de crianças, cuja inocência lhes legitimava o título “anjos do céu”. No século XIX, passou a ter duas representações sucessivamente, inicialmente como um jovem adolescente que representava o anjo da morte e, logo após a forma mais frequente, tornou-se uma figura feminina de formas opulentas (VOVELLE, 1997, p. 330-331). Nos cemitérios brasileiros as figuras femininas são predominantes devido a influência da doutrina positivista que transformou a mulher na anja guardiã da moral familiar.

Figura 3 - Anja guardiã I e Anja guardiã II⁷, Série Sagrado Sintético, Marcela Meirelles, 2019

Fonte: Instagram (@marcimeirelles).

Observamos que a imagem e os atributos dos anjos sofreram alterações com o passar do tempo, sendo que tais elementos acrescidos são fruto do imaginário do popular de cada período. Tradicionalmente os anjos são os intermediários entre Deus e mundo, tendo o papel de executar as ordens do senhor, transmitindo os sinais do sagrado, as advertências e punições.

⁷ Anja guardiã II pertence à coleção da autora deste artigo.

⁸ Área que abrange o golfo Pérsico, o vale do rio Nilo e os territórios da Palestina e Mesopotâmia. O mito de Lilith foi presente na mitologia dos sumérios, babilônios, assírios, cananeus, persas e hebreus.

A apresentação dos arcanjos na sagrada escritura, e posteriormente nos escritos da Contra Reforma era a bélica, ou seja, todos possuíam armadura para lutar contra os inimigos da fé, evidenciando pensamento tridentino que propunha o ideal da guerra santa, que por meio da catequização levava a cristandade aos povos pagãos. A imagem do anjo guerreiro muda com o passar do tempo, tornando-se protetor e intermediário dos homens perante Deus. Isso se dá devido à mudança do pensamento cristão, que deixa de lado a postura guerreira para ocupar-se da condução do rebanho. O arquétipo continua sendo o mesmo, embora a alteração no símbolo ocorra para acompanhar o discurso do período. O mesmo vai ocorrer com o símbolo ao construir o modelo de anjo feminino, por ser a mulher a consoladora, orientadora e guardiã da família.

Na série Extraordinários nos chama muito a atenção a tela Rainhas da Luxúria (Figura 4), por sua estética forte nos fizeram lembrar de Lilith, cuja definição da artista nos confirma:

Os homens decidiram me fazer pecado. Ser a figura de toda sua fúria, seu medo e sua perdição. Me nomearam o símbolo de seus pecados. Me deram a culpa como peso a carregar eternamente. E assim, me fizeram prisioneira de seus desejos. Como lei o silêncio das damas vestidas em um branco melancólico. Como conselho, a cegueira na multidão. Esqueceram porém um pequeno detalhe. Não sou seus prazeres. Não fui feita apenas carne em um lençol vermelho de cetim a meia luz. Vocês que me fizeram seu próprio veneno. (MEIRELLES, 21 de junho de 2020).

As origens de Lilith encontram-se nos mitos primordiais de várias sociedades da antiguidade oriental que habitam o crescente fértil⁸, nos quais “aparece nitidamente, em todos eles, como uma força contrária, um fator de equilíbrio, um peso contraposto à bondade e masculinidade de Deus, porém de igual grandeza” (KOLTUV, 2017, p. 17).

Figura 4 - Rainhas da Luxúria⁹, Série Extraordinários, Marcela Meirelles, 2020
Fonte: Instagram (@marcimeirelles).

Ela é descrita no como a primeira mulher de Adão, também foi criada do barro. E uma vez que feita do mesmo elemento primal, lutou com Adão pelo direito de igualdade e poder.

Somos todos iguais, dizia a Adão, já que viemos da terra. A esse respeito discutiram os dois, e Lilith, encolerizada, pronunciou o nome de Deus e fugiu para começar sua carreira demoníaca. [...] é o fauno fêmea noturno que tentará seduzir Adão e engendrar as criaturas fantasmagóricas do deserto, a ninfa vampiro da curiosidade, que a seu bel-prazer arranca ou recoloca os olhos, e que dá aos filhos

do homem o leite venenoso dos sonhos. (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1994, p. 548).

Lilith, representava a Lua Negra, o demônio feminino de longos cabelos que habitava a escuridão, que perturbava os lares, odiava os casais e devorava os recém nascidos. Personificava uma das formas do demônio da luxúria, por tentar os homens e mulheres para o prazer sexual, além de fomentar amores ilegítimos e incestuosos. Entretanto,

Lilith é um aspecto instintivo e terreno do feminino, a personificação vivificante dos desejos sexuais de Adão. As mulheres também vivenciam sua sexualidade Lilith como vivificante, estimulante e natural. Esse é o tipo de sexualidade que elas sentem alguns dias antes da menstruação, quando os hormônios femininos cessaram seu refluxo e os hormônios masculino encontram-se no auge de sua intensidade. É um estado de ser pulsante, vibrante, primitivo e indescritível. (KOLTUV, 2017, p. 25-26).

É também a árvore seca, sem frutos e suas características são as mesmas das lâminas, figuras trágicas da mitologia grega. Na Grécia, Lilith correspondia à deusa Hécate. No imaginário popular ela personificava o poder sedutor feminino, a mulher dominadora e devoradora de homens a quem todos temiam. Atualmente, para muitas de nós, Lilith é um símbolo representativo do início da luta pelos direitos femininos, por sua independência e ousadia ao desafiar a ordem masculina no início dos tempos.

A lendária Papisa Joana, que representa a busca pela educação e intelectualidade, também está presente nas obras de Marcela, que nos encanta com seus olhos tristes reflexivos (Figura 5). E conforme Le Goff:

[...] essa mulher de ficção, deve ter seu lugar entre os retratos das damas ilustres e reais da Idade Média, pois sua história foi dita como autêntica de meados do século XII até o século XVI. Só gradualmente e nos meios eruditos que se contestou sua realidade, mas a hipótese de uma mulher sobre o trono pontifical alimentou os imaginários até os nossos dias. (LE GOFF, 2018, p. 388).

⁹ As Rainhas da Luxúria pertencem à coleção de João Monteiro.

Figura 5 - Papisa Joana, Série carvão, Marcela Meirelles, 2020¹⁰

Fonte: Instagram (@marcimeirelles).

Para os pesquisadores Rosemary e Darroll Pardoe, a Papisa Joana, foi um mito registrado primeiramente por Anastasius, o bibliotecário autor de uma coleção de bibliografias papais de nome *Liber Pontificalis*. Anastasius viveu no século IX, era um homem culto e ambicioso, que participou plenamente das intrigas políticas que envolveram o papado em seu tempo. Martino Polonus, no século XII, teria sido o segundo a narrar sobre o reinado de Joana. (PARDOE e PARDOE, 1990, p.13-21). O mito influenciou muitos literatos e teatrólogos, e sua imagem aparece nas cartas de Tarô, no baralho Visconti-Sforza do século XV, como a Suma Sacerdotisa.

¹⁰ Coleção da autora deste artigo.

¹¹ Tema desenvolvido no capítulo Vidas educadoras: fragmentos da história das mulheres no Rio Grande do Sul, também publicado na presente coletânea.

A Idade Média foi um período marcado pela sociedade patriarcal e misoginia eclesiástica, no qual se afirmava com veemência que “a uma mulher não se deve ensinar a ler e nem escrever escrever”. (MACEDO, 2002, p. 85) Porém as algumas mulheres de famílias nobres que se dedicaram a vida monástica em comunidades religiosas, nos séculos XII e XIII, se permitiram “exercer um papel protagonista dentro da sociedade feudal”. Essas mulheres “souberam aproveitar o momento histórico e construíram seus paraísos particulares. Mas não se tratava de isolar-se do mundo, com o objetivo de evadir a tutela masculina. Tratava-se de viver no mundo, exercendo o poder que estava reservado aos homens”. (NASCIMENTO, 1997, p. 87 e 90) E esse privilégio não se estendia às camponesas.

A busca por uma educação digna, que permitisse a qualificação intelectual e profissional feminina, foi permanente ao longo da história. E temos que lembrar que no Brasil as mulheres tiveram acesso à educação a partir da legislação de 1827, que as limitava a aprender a ler, escrever, as quatro operações matemáticas e as prendas domésticas. Esse quadro mudou com a criação das Escolas Normais em 1879, que as permitiu a atuar no magistério e exercer sua intelectualidade na luta pelos direitos das mulheres¹¹.

Considerações conclusivas

Revisitar as representações femininas que povoam o imaginário a partir da arte de Marcela Meirelles foi um momento de contemplação e resignificação. Contemplação ao observar a beleza plástica, a expressão e os múltiplos significados dos traços da artista. E a resignificação ocorreu para repensarmos o significado das representações de Eva, Maria, Lilith e Joana, símbolos tão presentes nos nossos dias, que muitas vezes tem seu real significado diluído ou descontextualizado em meio a tantas informações da atualidade.

Entender o significado cultural e social desses símbolos nos permite um maior autoconhecimento e, certamente, nos dá forças para continuar rompendo os rótulos, cativeiros e grilhões impostos pelo patriarcado.

Nesse momento, aproveitamos para agradecer a Marcela Meirelles por nos permitir adentrar em seu universo de representações femininas e por presentear essa coletânea com sua arte¹².

Referências

A MULHER REGENERADA. In. **A Estrela do Sul**, 2 de outubro de 1864, p. 7.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. A experiência vivida. 2ª edição, São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967. Disponível em: <<http://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Autores/Beauvoir,%20Simone%20de/O%20Segundo%20Sexo%20-%20II.pdf>>. Acesso em : 11 out. 2019.

CASTRO, A. R. Gomes. **A mulher**. Rio de Janeiro, Igreja do Apostolado Positivista no Brasil, 1921.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. 8a ed, Rio de Janeiro, José Oympio, 1994, p. 548.

DALARUM, Jacques. Olhares Clérigos. DUBY, George e PERROT, Michelle. **História das Mulheres**. A Idade Média. vol. 2, Porto: Afrontamentos, 1990.

ISMÉRIO, Clarisse. **Mulher**: A Moral e o Imaginário 1889-1930. Bagé: Ediurcamp, 2018.

¹² Marcela Meirelles também assina a belíssima capa da coletânea.

JUNG, C. G. **Símbolos da Transformação**. Petrópolis: Vozes, 1989.

KOLTUV, Barbara Black. **O livro de Lilith**: o Resgate do Lado Sombrio do Feminino Universal. São Paulo: Cultrix, 2017.

KRAMER, Heinrich e SPRENGER, James. **Malleus Maleficarum**. O Martelo das feiticeiras, 6a edição, Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1991.

LE GOFF, Jacques. **Homens e Mulheres da Idade Média**. 3a. edição, São paulo: Estação Liberdade, 2018.

MACEDO, José Rivair. **A Mulher na Idade Média**. São Paulo: Contexto, 2002.

NASCIMENTO, Maria Filomena Dias. Ser Mulher na Idade Média. **Textos de História**, Brasília, v. 5, p. 82-91, 1997. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/5807/4813>>. Acesso em: 08 jul. 2016.

PARDOE, Rosemary e PARDOE, Darrol. **A Papisa Joana**. O Mistério da Mulher Papa. São Paulo: IBRASA, 1990.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e Mentalidades**. 2a ed., São Paulo: Brasiliense, 1991.